

A EcoFilosofia no pensamento de Martin Heidegger.

Prof. Dr. Jean Calmon Modenesi

RESUMO:

Trata-se da apresentação do segundo capítulo da primeira parte de nossa pesquisa de Pós Doutorado (CNPQ/FAPES/UFES) intitulada "EcoFilosofia: Deleuze/Guattari e Heidegger - diálogo virtual", sob a supervisão do Prof. Dr. Luis Eustáquio Soares. A primeira parte da referida pesquisa é dedicada ao pensamento do filósofo Alemão Martin Heidegger, mais exatamente à primeira fase de seu pensamento, conhecida pelo nome de analítica existencial. A analítica existencial compreende alguns trabalhos de grande envergadura teórico-conceitual, dos quais selecionamos *Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*, apresentada por Heidegger sob a forma de uma preleção, de outubro de 1929 a março de 1930, na Universidade de Freiburg. Para nós, esta preleção é da máxima relevância na medida em que, através de nossa análise, tentamos demonstrar a hipótese central da primeira parte de nossa pesquisa, qual seja, Heidegger esboça as primeiras linhas de um novo saber, um saber misto, híbrido, miscigenado, visto que se constitui a partir do encontra e através da coalescência entre dois saberes: por um lado, um saber cuja origem encontra-se na Antiguidade, a Filosofia, e, por outro, um saber cuja data de nascimento coincide com a própria contemporaneidade, a Ecologia. Eis por que nomeamos este novo saber de EcoFilosofia. Tal como entendemos, enquanto um novo saber, a EcoFilosofia é o próprio impensado do pensamento de Heidegger. Aqui, o impensado não significa o não-pensado, mas o pensado que, no entanto, permanece implícito, interior, subjacente ao pensamento do próprio filósofo alemão. Onde a necessidade de explicitá-lo, dando-

lhe um nome e identificando os principais conceitos que formam este pensamento, este saber. Para criar tais conceitos, os conceitos ecofilosóficos, Heidegger recorre à Filosofia ao modo da metafísica e da ontologia, mas também lança mão das ciências que formam a Ecologia, a exemplo da biologia e da fisiologia, donde os cientistas com os quais dialoga nesta preleção, tais como Darwin e Uexküll - este último considerado um dos pais da Ecologia. Todavia, em Heidegger, isto não significa uma simples filiação à tradição filosófica nem tampouco uma mera adesão às teorias científicas de sua época. Ao contrário, tal como tentei demonstrar, ao estabelecer uma relação com os referidos saberes, Heidegger não apenas os chancela, mas também os denega e, sobretudo, ressignifica-os, o que atesta a originalidade, a complexidade e a grandeza de seu próprio pensamento. Através dos conceitos ecofilosóficos, Heidegger pode pensar as questões relativas aquilo que a tradição ocidental chama de “natureza” no âmbito da metafísica e da ontologia, o que remete às três teses orientadoras de seu pensamento nesta preleção, a saber, 1- O homem é criador de mundo, 2- O animal é pobre de mundo e 3- A pedra é ausente de mundo. Com isto, o pensamento de Heidegger vai ao encontro da questão do Ser ao qual pertence cada um dos referidos entes, e mais, vai ao encontro do problema da relação ontológica que o ser do homem, do animal e da pedra estabelece com o ser dos demais entes em seu entorno a cada “instante”: o ente enquanto tal na totalidade ou simplesmente o mundo. Deste modo, a nosso ver, Heidegger tenta preencher uma lacuna teórica de *Ser e tempo*, sua Tese de doutoramento de Estado, publicada em 1927, onde o filósofo alemão quase que exclusivamente se atem ao problema do ser-aí do homem (o *Dasein*) e de sua relação ontológica com o ser dos entes fabricados e à mão, assim como com os demais *Dasein*. Ocorre que, em *Conceitos fundamentais da metafísica*, ao criar os conceitos ecofilosóficos para pensar o ser e os modos de ser dos entes no mundo, o que inclui o próprio ser e os modos de ser do homem, Heidegger traz

à baila não apenas questões circunscritas ao âmbito da metafísica, mas também ao campo da ética. É que, *grosso modo*, ao debruçar-se sobre a questão da formação do mundo no âmbito da metafísica, uma espécie de cosmovisão sobre uma cosmogonia, ele opera uma análise sobre os possíveis modos de ser do ser-aí do homem relativos ao ser do ente inanimado (a pedra) e ao ser do ente animado sem caráter de *Dasein* (o animal), uma espécie de *eto-logia* ontológica do ser-aí do homem em relação ao ser da “natureza”. Pois, no âmbito da metafísica, este *ethos* ontológico aponta para a possibilidade do homem rever e alterar sua relação com os demais entes, os ditos entes naturais, com os quais compõe o mundo a cada momento.